

Instituto Carioca de Gestalt-Terapia

RELAÇÃO TERAPÊUTICA: Uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia

Natália Ferreira Fioravante

Rio de Janeiro

2016



**RELAÇÃO TERAPÊUTICA: Uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia**  
Monografia

Natália Ferreira Fioravante

Pós-Graduação em Gestalt-Terapia  
Especialização Clínica

Rio de Janeiro  
Novembro 2016

Natália Ferreira Fioravante

RELAÇÃO TERAPÊUTICA: Uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia

Pós-Graduação em Gestalt-Terapia  
Especialização Clínica

Aprovada em Novembro de 2016

---

Prof<sup>a</sup> Me. Teresa Cristina Gomes Waismark Amorim  
Mestre em Psicologia – UFRJ

---

Prof. Me. Edson Petronio de Alcantara  
Mestre em Memória Social – UNIRIO

---

Vanessa Ribeiro de Oliveira  
Especialista em Psicologia Clínica – Gestalt Terapia - ICGT

Dedicar é entregar em prece.

E, assim, em tom sagrado, eu, síntese da imaginação dos que me criaram, encerro este trabalho para entregar a eles, pais queridos, que, “têm os olhos cheios de esperança de uma cor que mais ninguém possui” (Roberto Carlos/ Erasmo Carlos), e “que tiram sempre dos seus sonhos um sorriso leal, e suas palavras respondem antes de qualquer pergunta” (Guimarães Rosa).

Ao meu companheiro amado, Bruno Stelutti Lomba, que tem naqueles olhos diversos de todos, um exato de coisas que eu preciso; que me alimenta com sua energia de amor e bem-querer e nele encontro a paz que eu gosto de ter.

Para dedicar este trabalho, há também que trazer do mundo das utopias, Piedade Caetano Ferreira, minha vovó, que está acima de todas as bondades deste mundo.

E, finalmente, a todos os nossos mestres que contribuíram de forma decisiva para o nosso desenvolvimento e caminhada até aqui.

O amor não é algo que faço, mas algo que sou. Ele não é um fazer, é um estado de ser...

JOHNSON, 1987.

## RESUMO

FIORAVANTE, N.F. Relação Terapêutica: uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica) – Instituto Carioca de Gestalt-terapia, Rio de Janeiro, 2016.

Considerando que a abordagem dialógica junto à todos os seus aspectos está intrinsicamente ligada à Gestalt-terapia, é unânime aos Gestalt-terapeutas que a relação entre o terapeuta e o cliente é o aspecto mais importante da psicoterapia, pois diálogo existencial é uma parte essencial da metodologia gestáltica e da abordagem como um todo. Em virtude disto, o presente trabalho possui como objetivo realizar uma reflexão acerca da postura terapêutica na Gestalt-terapia, bem como percorrer os caminhos que originaram os pressupostos que caracterizam a relação dialógica e a atitude amorosa na abordagem gestáltica. Foi realizada uma revisão bibliográfica desde a origem e história da Gestalt-terapia, seus fundamentos e influências, até a incorporação do fazer dialógico, influenciado pela filosofia existencial e composto principalmente pela capacidade de amar, tema bastante explorado no estudo, que se tornou condição fundamental para a prática da abordagem. A conclusão do estudo, após inúmeras revisitações as teorias, autores e fundamentações, foi de que por mais respostas que encontremos às perguntas, as questões sobre este tema são infindáveis, visto que o Amor, componente vital para a constituição da abordagem dialógica, relação terapêutica, atitude amorosa e encontro também é inesgotável em sua definição e singularidade. Desta maneira, faz-se necessário que estudos, profundas reflexões e acirrada observação fenomenológica se façam presentes na prática do Gestalt-terapeuta para que esta abordagem continue a se desenvolver e caminhar em direção à contemporaneidade das relações e que cumpra a sua proposta de que Gestalt-terapia é movimento.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia; Relação terapêutica; Abordagem dialógica; Amor; Atitude Amorosa.

## ABSTRACT

FIORAVANTE, N.F. Relação Terapêutica: uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Gestáltica) – Instituto Carioca de Gestalt-terapia, Rio de Janeiro, 2016.

Considering dialogic approach and its aspects are intrinsically connect to Gestalt therapy, it is unanimous to Gestalt therapists that the relationship between the therapist and customer is the most important aspect of psychotherapy because existential dialogue is an essential part of the methodology gestalt and the approach. Because of that, the present work has an objective to make a reflection on the therapeutic approach in Gestalt therapy and go to the assumptions that characterize the dialogic relationship and loving attitude in Gestalt approach. a literature review from the origin and history of Gestalt-therapy was performed, its foundations and influences, to the incorporation of making dialogic, influenced by existential philosophy and composed mainly by the ability to love, well explored theme in the study, which has become critical condition to practical approach. The conclusion of the study, after numerous review of theories, authors and foundations, was that for more answers we find the questions, the questions on this theme are endless, as Love, vital component to the constitution of the dialogic approach, therapeutic relationship, loving attitude and meeting is also inexhaustible in its definition and uniqueness. Thus, it is necessary to study, deep reflection and fierce phenomenological observation to be present in Gestalt therapist's practice that this approach continues to develop and move toward contemporary relations and to fulfill its proposal that Gestalt therapy it is movement.

**Key words:** Gestalt-therapy; Dialogic relationship; Therapeutic relationship; Dialogic approach; Love; Loving attitude.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A GESTALT-TERAPIA.....</b>	<b>11</b>
2.1 HISTÓRICO E SURGIMENTO .....	11
2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA.....	13
2.3 FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA GESTALT-TERAPIA.....	18
<b>3 RELAÇÃO DIALÓGICA.....</b>	<b>21</b>
<b>4 O AMOR E SUAS FORMAS DE MANIFESTAÇÕES.....</b>	<b>27</b>
4.1 FORMAS DE MANIFESTAÇÕES DO AMOR.....	29
4.2 ATITUDE AMOROSA DO TERAPEUTA .....	31
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objetivo realizar uma reflexão a respeito da postura terapêutica na Gestalt-terapia, bem como percorrer os caminhos que originaram os pressupostos que caracterizam a relação terapêutica na abordagem Gestáltica.

Além disso, a discussão visa trazer, através da revisão histórica da abordagem, a relação dialógica e as mais variadas formas e manifestações do amor, elemento especial da postura terapêutica que caracteriza o gestalt-terapeuta e a Gestalt-terapia.

Há relevância acadêmica no referido trabalho em virtude de trazer à luz da reflexão, os atributos, habilidades e atitudes necessárias para exercer de fato uma relação genuína que favoreça o processo terapêutico, já que ela é, por si só, curativa.

A busca e definição pelo tema foram motivadas tendo em vista a experiência profissional e pessoal da autora deste trabalho, já que toda a sua história dentro e fora da Gestalt-terapia somente tornou-se completa, quando percebeu que, aquilo que sentia e que necessitava passar em seus contatos com outras pessoas, tinha nome; Descobriu que o nome era Amor.

Reforça-se, assim, a pertinência do trabalho para todos os discentes, docentes do curso de psicologia, especialização em Gestalt-terapia, abordagens humanistas, profissionais da saúde e afins, principalmente os que estão chegando a Gestalt-terapia hoje, pois possibilita uma autorreflexão de seus valores e a ponderação da compatibilidade com a abordagem ou não, uma vez que a relação dialógica é condição *sine qua non* para um bom exercício da profissão.

Muito mais do que apenas uma psicoterapia, a Gestalt-terapia vêm a luz como uma filosofia existencial, uma “arte de viver”, pois proporciona ao ser vivo, um formato ímpar de relação dele com seu mundo, sendo o diálogo, um de seus principais aspectos no que se refere tanto à teoria, quanto à prática, posto que a teoria em si é um diálogo. (GINGER; GINGER, 1995).

Yontef (1998, p. 18) afirma ainda que “a relação entre o terapeuta e o cliente é o aspecto mais importante da psicoterapia. O diálogo existencial é uma parte essencial da metodologia da Gestalt-terapia”.

Para Zinker (2007, p. 113), “a Gestalt-terapia é um encontro existencial entre pessoas” e é a respeito deste encontro que se concentrará o foco deste trabalho, afim realizar uma reflexão e compreender as nuances que caracterizam este encontro, bem como os aspectos que o compõe e que o tornam, verdadeiramente, essencial para a cura em Gestalt-terapia.

Explorar a relação terapêutica e refletir a respeito da atitude amorosa em Gestalt-terapia me remete a demasiados questionamentos que borbulham em minha mente, tais como: O que é atitude amorosa? Quais as particularidades e aspectos que caracterizam uma atitude amorosa? Há elementos obrigatórios e aspectos singulares de cada terapeuta? Como é o agir dentro de uma atitude amorosa? Quais características que o psicoterapeuta deve possuir para agir amorosamente? Entre tantas outras.

Escrever este trabalho será pra mim, a tentativa de me responder (e a você, leitor), todas estas indagações e despertar a minha consciência para muitas outras que poderão surgir e contribuirão para novas discussões, novos caminhos e concepções inéditas em Gestalt-terapia.

## 2 A GESTALT-TERAPIA

“A Gestalt é tanto uma arte quanto uma ciência.”

(GINGER; GINGER, 1995)

Sobre o pioneirismo da Gestalt-terapia e suas práticas psicoterapêuticas, cita o autor:

O entusiasmo do contato direto entre terapeuta e paciente, a ênfase na experiência direta, o uso de experimentação ativa, a ênfase no aqui-e-agora, a responsabilidade do paciente por si próprio, o princípio de Awareness, a confiança na autorregulação orgânica, a interdependência ecológica de pessoa e ambiente, o princípio da assimilação e outros conceitos semelhantes eram novos, excitantes e chocantes para uma sociedade conservadora (YONTEF, 1998, p. 26, grifo do autor).

Perls (2012) afirma que os fundamentos da Gestalt-terapia podem ser encontrados na maioria das demais abordagens, entretanto o que os diferem na Gestalt-terapia e tornam-na singular, é o modo como são arranjados e empregados.

### 2.1 HISTÓRICO E SURGIMENTO

Zinker (2001, p. 286) considera que:

O desenvolvimento histórico dos valores da Gestalt é semelhante ao desabrochar de uma flor. No início, todas as ideias estavam condensadas no botão delicados dos primeiros escritos de Fritz Perls e Paul Goodman. Com o tempo, à medida que o botão se transformou em flor, cada noção desenvolveu sua própria com viva, seu detalhe e sua beleza.

Perls (1947, *apud* YONTEF, 1998, p. 155) afirma que a origem da Gestalt-terapia deu-se como uma revisão da Psicanálise clássica, transformando-se, a partir da integração de conhecimentos de origens diversas, um método abrangente e independente, além de uma clínica unificada.

Para Yontef (1998), o desenvolvimento profissional de Fritz Perls e as circunstâncias históricas e políticas da época em que ele viveu, deram origem a história da Gestalt-terapia.

Segundo Tellegen (1984), Perls trouxe, na década de sessenta, respostas a geração jovem adulta nos Estados Unidos que se caracterizava por uma geração cheia de necessidades, inquietações e anseios já que, para ele, a Gestalt-terapia, para além de uma teoria, era uma concepção de vida questionadora dos valores vigentes daquele tempo e sociedade.

Num breve contar de história, Tellegen (1984) relata que o nascimento de Perls data de oito de julho de 1893, em Berlim, Alemanha. Sendo muito influenciado por seu avô e por sua mãe que era engajada na vida cultural e social, logo, em tom de brincadeira montava peças de teatro com seus amigos e, aos 16 anos já ganhava como ator teatral, do qual afirmava ter desenvolvido a sua habilidade em perceber tom de vozes e linguagem corporal, que posteriormente seriam tão indispensáveis em seu trabalho terapêutico.

Aos 21 anos, interrompido pelo anúncio do início da Primeira Guerra Mundial, Perls cursava Medicina na Faculdade de Berlim e em 1916 foi enviado às trincheiras, voltando da Guerra impactado e desiludido com o Homem (TELLEGEN, 1984).

Em 1920, aos 27 anos, Perls torna-se médico neuropsiquiatra e, sendo frequentador de grupos esquerdistas e anarquistas da contracultura, foi ali que conheceu grande parte dos influenciadores de seu pensamento e posteriormente de sua teoria, como Salomon Friedlaender, Paul Goodman, entre outros (GINGER; GINGER, 1995).

Ginger e Ginger (1995) relata ainda que em 1926, aos 33 anos, decidido a tornar-se psicanalista, Fritz Perls deixa Berlim, mudando-se para Frankfurt, inicia seu trabalho junto a Kurt Goldstein e conhece Laura Posner, sua futura esposa e grande influenciadora da Gestalt-terapia.

Devido a segunda guerra mundial e ao nazismo, em 1935, refugiados em Johannesburg, África do Sul, Perls e Laura fundam o Instituto Sul-africano de Psicanálise; únicos psicanalistas no país, conseguem se estabelecer rapidamente. (TELLEGEN, 1984).

Ginger e Ginger (1995) afirmam que a Gestalt-terapia teve sua origem na África do Sul, em torno dos anos 40, quando, ainda psicanalista, Perls vivenciou um episódio desagradável com Freud no Congresso Internacional de Psicanálise, no qual apresentaria seu trabalho sobre “Resistências Orais”, complementando as ideias de resistências anais de Freud. Logo depois lança seu livro “Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud”.

O texto sobre “Resistências Orais” foi a base que deu origem ao primeiro livro de Fritz Perls, “*Ego, Fome e Agressão*”, em 1942, com forte contribuição de Laura Perls (TELLEGEN, 1984).

Houveram inúmeras sugestões de nomes para o novo método psicoterápico, como “Psicanálise Existencial” proposta por Laura Perls, “Terapia Integrativa” sugerida por Hefferline, entre outras, mas foi inicialmente batizada por Perls como “Terapia da Concentração”, com o objetivo de se contrapor ao método psicanalítico da livre associação,

todavia em pouco tempo perceberam que a “concentração” era apenas um aspecto técnico do novo método e não representava a globalidade da teoria (GINGER; GINGER, 1995).

Segundo Ginger e Ginger (1995), logo depois Fritz Perls cogitou o nome “Gestalt-terapia”, do qual houveram controvérsias por parte de Laura, que defendia que o novo método não possuía muita relação com a Teoria Gestáltica e por Paul Goodman, autor e escritor de partes essenciais do novo livro que seria lançado em breve, por achar o nome “estrangeiro e esotérico” demais. Já Perls gostava e insistia no nome por questões de provocação e marketing.

A data oficial do nascimento da Gestalt-terapia é 1951 em Nova York com o lançamento do livro *Gestalt-Therapy*, escrito por Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman (YONTEF, 1998).

De acordo com Tellegen (1984), em 1952 foi fundado, por Perls e Laura, o “*Gestalt Institute of New York*”, no qual Laura e Goodman eram essencialmente responsáveis, já que Perls viajava pelo país apresentando o novo método a grupos interessados e onde mais tarde nasceram os Institutos de Cleveland, Los Angeles e San Francisco.

Após uma viagem ao redor do mundo, em 1964 Perls se instalou em Esalen, o mais conhecido centro do movimento potencial humano, onde ensinou Gestalt-terapia por vários anos e local em que publicou, em 1969, o seu terceiro livro “Gestalt-terapia Explicada”, além de sua autobiografia “Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo”. Convicto de que sua abordagem estava sendo disseminada e reconhecida em muitos lugares, em 1969 Perls parte para o Canadá fundando o Instituto de Gestalt do Canadá e, escrevendo mais uma de suas obras, “A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia” que foi publicada postumamente em 1973, falece no dia 14 de março de 1970 (TELLEGEN, 1984).

Tellegen (1984, p. 33) acredita que “o grande mérito de Perls à Gestalt-terapia foi o de ter transformado a sua inquietação intelectual e pessoal numa estratégia psicoterapêutica que continua demonstrando possuir vitalidade e dinamismo, ultrapassando seu impacto pessoal”.

## 2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

A Gestalt-terapia foi amplamente influenciada pela Psicologia da Gestalt, estudada pela Escola Gestáltica que defendia a premissa de que a natureza humana é organizada em partes e todos e somente assim vivenciada (PERLS, 2012).

Segundo Ribeiro (2007), a psicologia da Gestalt examina como o indivíduo percebe sua realidade e a si mesmo, como se organiza no mundo a partir dessa percepção e como resolve as questões de seu dia a dia com base nesta realidade apreendida.

Yontef (1998) explica que Gestalt refere-se à forma, estrutura, configuração, padrão de um conjunto de elementos e corrobora com a ideia de que o indivíduo percebe padrões inteiros ao invés de fragmentos e que existe uma capacidade de percepção inata se utilizarem da experiência imediata do aqui-e-agora.

A ênfase da Gestalt-terapia no presente é uma influência direta da Psicologia da Gestalt (WALLEN, 1970, apud YONTEF 1998, p. 160)

De acordo com Perls (2012) a Psicologia da Gestalt desenvolveu as observações a respeito dos conceitos de figura/fundo e todo/parte, trazendo a noção de que a escolha de qual elemento se distinguirá ao indivíduo num dado momento é o resultado de diversos fatores.

Ribeiro (2007, p. 117) diz que “a relação entre figura e fundo, como maneiras pelas quais a pessoa organiza sua percepção de totalidade, envolve uma questão de percepção, consciência, motivação, em direta dependência das necessidades humanas”.

O conceito que a Psicologia da Gestalt traz é de que o ser humano percebe e organiza a sua realidade a partir de um processo perceptivo que compõe um todo que tem significado pra ele, em detrimento de perceber coisas isoladas e sem relação (PERLS, 2012).

É posição de Yontef (1998) que a Psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia se diferem em diversos pontos, mas devido somente a contextos divergentes. Enquanto a Psicologia da Gestalt atua no âmbito acadêmico e quem determina o objeto de estudo é o pesquisador, no campo da Psicologia clínica a Gestalt-terapia assume um novo contexto que é determinado pelo cliente. Ele completa ainda que a Psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia possuem o mesmo objetivo que é a busca da percepção que estrutura o processo do indivíduo.

Outra teoria que fundamenta e exerce íntima influência à Gestalt-terapia é a Teoria Organísmica que, segundo Ribeiro (2007), utiliza os princípios da Gestalt e considera que a inquietação central dos Gestalt-terapeutas em relação às funções isoladas do organismo, tais como a percepção e a aprendizagem, compõem a base para a compreensão do organismo como um todo.

Para Tellegen (1984) a Teoria Organísmica ampliou as bases da Gestalt-terapia, já que tomou por objeto o organismo como um todo, em suas funções e ações e não somente em suas atribuições psicológicas e cognitivas.

Para Ribeiro (2007), a autoatualização é o motivo pelo qual o organismo existe, como a única razão que o move e é através dela que o indivíduo afirma a unidade, a integração, a consciência e a coerência da pessoa normal.

Perls (1977) acreditava que a Gestalt-terapia tem sua base na própria formação de gestalten, já que a emergência de necessidades é um fenômeno primário, além de que, há a necessidade de abandonar-se a teoria do instinto e adotarmos a ideia de um organismo funcionando basicamente como um sistema em equilíbrio que deve funcionar adequadamente, uma vez que qualquer desequilíbrio é experienciado como uma necessidade que deve ser corrigida.

A Respeito da Autorregulação, afirma Perls (1977, p. 34, grifo do autor):

E eu acredito que esta é a grande coisa a ser compreendida: *a tomada de consciência em si – e de si mesmo – pode ter efeito de cura*. Porque com uma tomada de consciência completa, você pode tornar presente a autorregulação orgânica, pode deixar o organismo dirigir sem interferência, sem interrupções; podemos confiar na sabedoria do organismo. E ao contrário disso é toda a patologia da automanipulação, do controle ambiental que interfere com o sutil autocontrole orgânico.

O ciclo de autorregulação se inicia com uma sensação, as sensações se tornam awareness e diferente de um bebê, o indivíduo reconhece e sabe o que pode fazer com elas, compreende qual a sua necessidade num dado momento – o corpo e a consciência se mobilizam, entram em estado de excitação e mobilização de energia até que haja energia suficiente para o organismo satisfazer a sua necessidade e enfim voltar ao equilíbrio (ZINKER, 2007).

A autorregulação orgânica se caracteriza por um processo em constante renovação, baseado em retornos e ajustamentos criativos contínuos, como também um processo natural que se organiza através do movimento contato / retração (YONTEF, 1998).

Perls (2012) acredita que seres humanos tem inúmeras necessidades tanto no nível fisiológico como no social e que, quanto mais intensamente o indivíduo as sente como fundamentais para a manutenção da vida, mais ele se identifica com elas e maior será a energia direcionada para satisfazê-las.

O impulso natural do organismo é utilizar suas capacidades da melhor forma possível para se autorregular-se e, a partir desta visão, torna-se fundamental que não se insista em tratar exaustivamente um sintoma sem que as potencialidades saudáveis do indivíduo sejam tratadas e trazidas a sua consciência (RIBEIRO, 2007).

Yontef (1998, p. 246) postula: “a fé na autorregulação organísmica significa aceitar o paciente em seu estado atual e *confirmar* o seu ‘tornar-se’- seu potencial inerente de crescer e mudar, da maneira como está atualmente para uma manifestação mais integral do seu potencial”.

Ainda trazendo o esqueleto teórico que compõe a Gestalt-terapia, a Teoria de Campo se configura como parte fundamental do pensar e fazer gestáltico, visto que, segundo Ribeiro (2007), seres humanos são inerentemente dotados de forças bio, psico, socioespirituais e que suas realidades são mais amplas do que a percepção que se têm delas e ainda que, a percepção destes campos ocorrem à revelia, alternando as necessidades em figura e fundo.

De acordo com Yontef (1998), Teoria de Campo é um método de exploração que descreve a totalidade do campo, do qual um acontecimento é parte, contrariando análises engessadas por categorias, causas-efeitos, históricas ou lineares. Além disso, Kurt Lewin, pai da Teoria de Campo, caracterizou o campo ou “espaço vital” psicológico e social como um campo de forças, já que o espaço vital, entendido como um todo dinâmico, concreto e delimitado, se retrata por constituir uma rede de relações entre as partes.

Todos os aspectos capazes de influenciar num campo no qual o comportamento ocorre num dado momento, quer seja como figura ou como fundo, é parte deste campo, uma vez que “Campo” caracteriza o espaço de vida de um indivíduo e absolutamente toda sua realidade é entendida como uma mudança de algum aspecto de seu campo numa determinada unidade de tempo (LEWIN, 1965 *apud* D'ACRI, LIMA, ORGLER, p. 226).

A análise das relações entre as partes do todo que é o indivíduo, viabiliza uma compreensão dos eventos que ocorrem num dado espaço vital, ou seja, uma explicação sistêmica que busca entender o como um evento aleatório afeta e modifica o todo (TELLEGEN, 1984).

Segundo Ribeiro (2007), o presente explica o passado e não o contrário, já que não existe uma linearidade causal entre passado e presente, além de que a causa do comportamento atual está sempre no presente, embora passado e futuro possam favorecer o surgimento de uma questão.

A noção de priorizar o “como”, mais do que o “por que” é uma herança da Teoria de Campo e sempre esteve na base das formulações de Perls (TELLEGEN, 1984).

Ribeiro (2007, p. 114) acredita que “quanto maiores forem as possibilidades no espaço vital de alguém, maior será a diferenciação de atitudes possíveis, e mais facilmente a pessoa poderá escolher, facilitando seu processo de mudança”.



Para completar, Yontef (1998) esclarece que a teoria de campo engloba a teoria mecanicista de Newton e soluciona adequadamente questões que esta teoria não é capaz, tornando assim, a teoria de campo muito mais extensiva.

A última, mas não menos importante teoria que compõe o arcabouço teórico da Gestalt-terapia é o Holismo de Smuts (1926), que acreditava que todo organismo, seja ele vegetal ou animal, possui um modelo de organização interno e, sendo assim, o Holismo como premissa para o funcionamento da evolução desses organismos é o princípio decisivo do universo.

Ribeiro (2007) defende a necessidade de investigar os pressupostos que regem um determinado organismo em sua totalidade, para compreender a função de qualquer de suas partes, já que é a totalidade que determina as suas partes.

Lima (2005) destaca que o holismo entende a evolução da natureza como um processo de criação de novas formas de vida e que através desta evolução surgem novos valores morais, espirituais e religiosos. Ele trouxe a noção de que a realidade final do universo não é nem material nem espiritual, mas composta pelo todo e que as partes desta nova configuração de realidade, passa a ter sua configuração e novas funções.

Yontef (1998) fomenta a ideia de que na Gestalt-terapia a escolha e o aprendizado acontecem de forma holística, com uma integração natural de corpo e mente, pensamento e sentimento, espontaneidade e deliberação, sendo papel fundamental para Holismo o espaço da transformação na evolução do homem, aliado a criatividade como ferramenta ímpar neste processo evolutivo.

Perls definia o holismo como uma atitude que leva o indivíduo a perceber que o mundo existe *per se* não apenas em átomos, mas de estruturas que são mais que a soma de suas partes (PERLS, 1947, p. 28, apud D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012, p. 142).

A respeito do Holismo de Jan Smuts, explica o autor:

O autor define o Holismo como uma tendência sintética do universo em evoluir por meio da formação de todos. A evolução não é nada além do que o desenvolvimento gradual em todos compostos por séries progressivas. Essa formação de todos se dá desde a estratificação dos princípios inorgânicos até o nível da criação espiritual. Smuts destaca que formação da personalidade seria então mais um caso representativo dessa tendência da natureza em evoluir na direção da composição de todos (LIMA, 2008, p.3).

### 2.3 FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia é uma abordagem humanista, existencial-fenomenológica, sendo humanista por sua concepção de homem, que a coloca no conjunto de abordagens Humanistas ou de “terceira força”; fenomenológica devido ao método fenomenológico de trabalhar com o que se apresenta e no qual perceber e sentir são distintos de interpretar e modificar a realidade; existencial por dar ênfase à experiência da pessoa, suas relações, sentimentos, questões e como tudo isso é experienciado por ela (YONTEF, 1998).

A Psicologia Humanista surgiu em meados dos anos 50 como um “movimento de terceira força” que pretendia recolocar o homem no centro da psicologia, que se tornava cada vez mais científica e desumanizada, além de devolver ao homem a ideia de sujeito, responsável por suas escolhas e crenças. Ela é considerada um norte, uma tendência que se mantém aberta para poder adaptar-se à evolução dos valores do indivíduo, meio, lugar e tempo, para não correr o risco de cair no obsoleto (GINGER; GINGER, 1995).

O Humanismo concebe a subjetividade do sujeito em relação a sua liberdade individual e autorrealização de seu projeto existencial de vida (LIMA, 2005).

Segundo Ribeiro (2007), o humanismo concebe a pessoa humana como medida de si mesma, sabendo quem é, o que quer e para onde pretende ir; é também singular, e quando descoberta e vivenciada, esta singularidade torna-se fonte incessante de mutação.

Humanismo é qualquer teoria que possua o indivíduo e seu desenvolvimento como objetivo principal, sendo uma forma de devolver ao homem toda a sua dignidade, direito ao respeito em todas as suas dimensões (GINGER; GINGER, 1995).

Como coloca Ribeiro (2007), um princípio fundamental do Humanismo, é de que o indivíduo é uma totalidade e, assim sendo, jamais adoece por inteiro, possuindo sempre reservas puras e intocadas em si e dono de um força renovadora que não se extingui, por conseguinte é mais saudável e restaurador trabalhar com o que há de positivo, luminoso e belo no cliente.

A abordagem Gestáltica é também fenomenológica por utilizar do método descritivo em detrimento da presunção ou explicação, assim o gestalt-terapeuta observa, confia e facilita o processo de experiência do cliente, bem como focaliza questões de sua experiência que estão sendo negligenciados (YONTEF, 1998).

Zinker (2007), caracteriza o termo fenomenológico como o processo em que a pessoa experiencia como somente seu e, o aqui e agora, oferece a esta experiência pessoal o existencial imediato de ser de fato esta pessoa.

Para a fenomenologia concerne o descrever da experiência – o como dá lugar ao porquê e o foco é a vivência imediata ou o fenômeno que se apresenta, que terá, sempre, um sentido singular e particular para cada sujeito (GINGER, GINGER, 1995).

Para Ribeiro (2007), fenomenologia é observar, aceitar e trabalhar a experiência imediata do cliente, já que consciência é sempre consciência de alguma coisa e, mesmo que sutis sejam os sinais, serão sempre fenômenos a observar e descrever.

Fenomenologia é a busca de entendimento, baseada no que é óbvio ou revelado pela situação, e não pela interpretação, além disso ela trabalha entrando experiencialmente na situação e permitindo que a awareness descubra o que é óbvio. Neste contexto a atitude fenomenológica é reconhecer e colocar entre parênteses ideias preconcebidas sobre o que seria relevante, explorando fenomenologicamente a situação com o objetivo de chegar a uma descrição cada vez mais acurada do que de fato é (YONTEF, 1998).

A postura fenomenológica é caracterizada pela maneira como o psicoterapeuta segue atento e meticulosamente as manifestações da experiência de unicidade do indivíduo e no método fenomenológico não se interpreta, pois trabalha-se com o sentido imediato dos conteúdos emergidos, que devem ser acreditados, descritos e trabalhados, estando, o psicoterapeuta, atento ao sujeito em sua totalidade, já que tudo no ser humano é fecundo de significados (RIBEIRO, 2007; TELLEGEN, 1984).

Para completar a fundamentação filosófica da Gestalt-terapia, afirma Yontef (1998, p. 18, grifo do autor), “a visão existencialista *afirma* que as pessoas estão infinitamente refazendo-se ou descobrindo a si mesmas. [...] Sempre há novos horizontes, novos problemas e novas oportunidades.

Um dos principais aspectos em comum entre a Gestalt-terapia e o existencialismo é a ênfase no homem-em-relação, em sua forma de estar no mundo e sua responsabilidade pela sua existência, na busca de se encontrar (TELLEGEN, 1984).

O existencialismo postula que o indivíduo não é determinado a priori, mas livre e responsável, possuindo o poder interno de realizar suas escolhas ao longo de sua existência, sendo capaz de alterar o rumo de sua vida, quando e como desejar (RIBEIRO, 2007).

Entende-se por “existencial” todos os aspectos em relação à forma como o homem experimenta sua existência, a assume, a orienta, a dirige e a autocompreensão para existir e viver, sendo a partir do método existencial, que a Gestalt-terapia proporciona ao sujeito uma maneira de ser genuína, integrada e expressivamente mais responsável por si próprio (GINGERS, 1995; YONTEF, 1998).

De acordo com Ribeiro (2007), o sujeito é um projeto existencial e, desta maneira, é o único ser dotado da capacidade e responsabilidade de decidir sobre ele.

Yontef (1998) reforça que a Gestalt-terapia acredita que as pessoas são responsáveis pelo que escolhem fazer, por suas ações ou pelo que acontece, pois delegar a culpa ou responsabilidade é enganar-se, assim, a abordagem Gestáltica auxilia o cliente a descobrir o que é moralmente correto de acordo com seus valores e a desenvolver a consciência de avaliar e escolher.

“Cummings alertou seus ouvintes: ‘[...] lembre-se apenas de uma coisa: são vocês – e mais ninguém – que determinam cada qual seu destino. Ninguém mais pode estar vivo no lugar de vocês, assim como vocês não podem estar vivos no lugar de outra pessoa’” (ZINKER, 2007).

O parágrafo acima trata de um dos fenômenos mais comuns encontrado no início de um processo psicoterapêutico – o cliente chega a terapia, na maioria das vezes, buscando a adequação do mundo às suas questões e a grande virada de chave, a grande mágica do processo acontece quando, baseado na relação dialógica, no respeito e na busca constante do encontro, o terapeuta, de mãos dadas ao seu cliente, o vê tomando consciência de que a responsabilidade de sua existência é somente sua, percebendo o poder sobre suas escolhas e de suas escolhas.

### 3 RELAÇÃO DIALÓGICA

“O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir. As palavras-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela. Deste modo, o Eu do homem é também duplo, pois, o Eu da palavra princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra-princípio Eu-Isso”.

Martin Buber.

Este capítulo tratará da postura do terapeuta, dos aspectos e ferramentas em que deve estar alicerçado, bem como das condições básicas para se estabelecer um processo terapêutico satisfatório no qual cria-se condições para que o cliente exerça seu direito de ser, seja aceito, respeitado, confirmado e que desperte-se para a responsabilidade por sua existência e desenvolva seu autossuporte.

“Quando um homem está cantando sem conseguir soltar a voz e um segundo homem, que consegue soltar a própria voz, chega para cantar com ele, o primeiro também se torna capaz disso. Este é o segredo da ligação entre os espíritos” (BUBER, 1962 *apud* ZINKER, 2007, p. 20).

O parágrafo acima vem, de forma sutil, elegante e poética, fazer uma analogia à Relação Dialógica, trazendo à luz o papel do psicoterapeuta e o caminho que ele deve percorrer durante o processo psicoterapêutico. Via de regra, clientes chegam ao consultório com suas necessidades interrompidas, comportamentos cristalizados, processos neuróticos bem instalados e principalmente, não conscientes de suas potencialidades. O terapeuta, sendo ele mesmo seu instrumento de trabalho, que deve estar harmoniosamente afinado e com seu autossuporte bem estruturado, tem o papel de convidar este cliente ao encontro, favorecendo o processo para que ele consiga olhar para todos estes processos e para sua capacidade de se autorregular, resgatando a autoestima e todas as potencialidades esquecidas ou não conhecidas.

O encontro é essencialmente um evento e como tal, ele acontece, pois a fonte de onde brota é profundamente vivencial, concreta e existencial (BUBER, 2001).

Hycner e Jacobs (1997) definem a relação dialógica como uma abordagem, atitude ou postura em relação à existência humana e também em relação ao processo de psicoterapia, pois ela exige respostas únicas para situações únicas, uma vez que ela emprega a singularidade do sujeito dentro do contexto relacional.

Ressalta-se que o termo dialógico é uma forma de relação, não podendo ser confundida com a fala que, em última análise, pode ser apenas a manifestação auditiva da atitude dialógica que é infinitamente mais ampla e rica (HYCNER; JACOBS, 1997).

Entre tantos aspectos, a Gestalt-terapia é desafiadora também neste ponto, pois exige do terapeuta um movimento duplo: não se perde qualquer palavra que o cliente diga, ao passo que se apenas focalizada a manifestação auditiva da atitude dialógica, estará perdendo muito material terapêutico relacionado ao não dito, ou seja, as demais manifestações e fenômenos do cliente.

Para Hycner (1995) o ícone da filosofia dialógica do século XX foi o educador e filósofo Martin Buber, que compreendia a manifestação do inter-humano ou dialógica como um evento relacional entre pessoas. Em seu famoso livro *Eu e Tu*, Buber destaca que os termos Eu-Tu e Eu-Isso caracterizam a reciprocidade relacional do indivíduo, pois criam o contexto para a atitude com a qual os outros se aproximam dele, já que, a atitude com que um sujeito se aproxima de outro é, também, a atitude com que se aproxima dele mesmo.

Cardella (1994) acredita que na relação Eu-Tu o amor é compartilhado, já que ele não pode ser recebido a menos que o outro esteja em estado de amor, desta forma o terapeuta pode estar em estado amor e disponível ao encontro, entretanto o cliente só vivenciará o amor quando ele mesmo também se encontrar em estado de amor.

De acordo com Hycner (1995, p. 24, grifo do autor):

O encontro dialógico acontece na esfera do *entre* e é marcado por duas polaridades, o Eu-Tu e o Eu-Isso. Ambas são um reflexo das duas atitudes primárias que o ser humano pode assumir ao se relacionar com os outros e com o mundo em geral. A relação Eu-Tu é uma atitude de genuíno interesse na pessoa com quem estamos interagindo verdadeiramente como *pessoa*. Isso significa que valorizamos sua ‘alteridade’ (...). A relação Eu-Tu começa quando voltamos nosso ‘ser’ para o de nosso parceiro (...). Em contraste, a relação Eu-Isso ocorre quando a outra pessoa é, essencialmente, um ‘objeto’ para nós – utilizado, primariamente, como meio para um fim (...) sendo também um aspecto necessário na vida humana.

A relação dialógica trabalha a favor do encontro que somente acontece no “entre<sup>1</sup>” da relação. As atitudes primárias que um indivíduo pode assumir em suas relações são as

---

<sup>1</sup> O *entre* é um elemento constitutivo próprio da existência humana. É aquele reino indescritível, que é maior do que a soma de duas ou mais identidades. É o ponto de contato além das nossas identidades individuais.

posturas Eu-Tu caracterizada como uma postura de conexão e Eu-Isso, definida como uma postura de separação, sendo a alternância de ambas, necessária para o viver saudável (HYCNER; JACOBS, 1997).

A atitude Eu-Isso, tão distinta da atitude Eu-Tu vista a seguir, é uma atitude totalmente dirigida por um propósito, no qual o indivíduo terá sempre um objetivo em mente, tornado o outro sujeito um objeto secundário. De todo modo, esta atitude é necessária e inevitável no fazer humano em determinadas ocasiões (HYCNER; JACOBS, 1997).

A afirmação dos autores acima fica evidentemente bem exemplificada na prática clínica, onde a oscilação entre as posturas Eu-Tu e Eu-Isso pode e deve ocorrer. Levando em consideração o objetivo, o momento e a forma como é feita, a relação Eu-Tu, num dado momento, necessita ser transformada para a relação Eu-Isso, como por exemplo no momento do estabelecimento do contrato terapêutico, no encerramento de uma sessão ou ainda na ocasião de discutir valores e pagamentos.

Partindo da relação Eu-Tu, tem-se o diálogo que, como define Yontef (1998, p. 170) “o diálogo é a forma de contato Eu-Tu baseado na autenticidade, o que sugere tratar o outro como um ser autêntico, um fim em si e não um meio para um fim; é ainda a forma particular de contato mais apropriada para uma relação psicoterapêutica fenomenológico-existencial”.

Como explica Yontef (1998), o método fenomenológico aplicado ao estudo da pessoa enquanto pessoa e sua existência possibilitou a descoberta de que, apenas através do diálogo, os humanos se definem genuinamente, pois, o indivíduo só existe em relação constante com outros sujeitos. Para o autor, o encontro dialógico é mútuo, no qual a experiência Eu-Tu é estar absolutamente presente com o outro, despido de finalidades ou interesses direcionados à si mesmo, apenas apreciando a alteridade, singularidade e totalidade do outro, que por sua vez, também estará desta mesma maneira na relação (HYCNER; JACOBS, 1997).

O dialógico manifesta-se quando dois indivíduos estão disponíveis para irem além da atitude Eu-Isso e valorizarem, aceitarem e apreciarem a alteridade do outro – entrando na esfera do entre (HYCNER, 1995).

De acordo com Hycner (1995), Buber entendia o entre como o lugar onde os indivíduos se encontram, para além de suas individualidades – aquele lugar que não sou Eu, nem Tu, mas sim no entre que é vivido por ambos.

Para Hycner (1995), as diretrizes básicas desta postura são que a abordagem global, entendida como a orientação pessoal e filosófica do terapeuta, o processo, referindo-se ao contato entre cliente e terapeuta e o objetivo, definido como resultado da terapia, estejam

fundamentados numa concepção dialógica, ou seja, alicerçados numa concepção de que a existência humana é especificamente relacional.

Segundo Yontef (1998), o trabalho do Gestalt-terapeuta, através da aceitação, entusiasmo, carinho, preocupação e autorresponsabilidade, é engajar um diálogo autêntico no qual, ele diz o que pensa, sente e percebe e encoraja o cliente a fazer o mesmo.

Ginger e Ginger (1995) acreditam que o terapeuta deve ter atitude ativa, ser espelho e parceiro do cliente, deve sair de sua reserva e dialogar com o cliente, informando-o o que sente, percebe e pensa.

Na prática clínica, os parágrafos acima afirmados, soam como mágica, pois, de fato, a partir do momento em que o terapeuta, muito centrado e alicerçado em seu autossuporte, dialoga, expressando toda sua subjetividade, automaticamente o cliente sente a permissão para realizar o mesmo e, no processo de fazer o mesmo, o cliente começa a descobrir e se empoderar de todas as duas potencialidades perdidas, esquecidas ou negadas, de todas as suas necessidades interrompidas e etc.

A relação dialógica salienta alguns aspectos indispensáveis à sua prática, sendo eles: inclusão, caracterizada pela atitude de posicionar-se na experiência do outro, sem julgar, analisar ou interpretar e, ao mesmo tempo, preservar a sua presença em si; presença, possibilitando suas expressões, sentimentos, experiências pessoais, pensamentos e percepções ao cliente; compromisso com o diálogo, qualificado como a busca pelo contato que nasce da interação entre ele e o cliente; sem exploração para proteger a experiência real do cliente; e por fim, o diálogo vivido, isto significa que ele não é falado a respeito, mas feito, expresso (YONTEF, 1998).

Juliano (1999) acredita que no processo dialógico o terapeuta busca expandir as fronteiras pessoais do cliente a partir de um suporte não só baseado nas condições pessoais deste indivíduo, como principalmente no suporte pessoal do terapeuta.

Como expõe Yontef (1998), a Gestalt-terapia busca a compreensão pela presença ativa e curativa do terapeuta e do cliente, pautada no contato verdadeiro entre eles, concomitantemente ao trabalho ativo da experiência imediata do cliente, proporcionando a ele a consciência de colaboração, aprendizado sobre si e a autocura.

Zinker (2007), acredita que na Gestalt-terapia, quando pertinente, o terapeuta tem plena liberdade de compartilhar suas experiências com o cliente e isto, em alguns momentos, contribui para o desenvolvimento do processo.

A partir da citação acima destaca-se, entretanto, que o terapeuta, além de muito experiente, precisa ter plena noção dos aspectos que estarão a serviço do cliente neste



compartilhar de experiências e histórias pessoais, uma vez o mal uso deste método pode subtrair do processo terapêutico, ao invés de acrescentar.

Para uma boa execução do seu trabalho, uma característica fundamental é a qualidade de sua presença, caracterizada por uma atitude descontraída e atenta, inteira, disponível e energizada, além disso é necessário que o terapeuta esteja centrado no cliente, como também centrado em si mesmo, no que sente, pensa e percebe no instante aqui e agora e, se preciso for, sem titubear, compartilhar isso com seu cliente (JULIANO, 1999; GINGERS, 1995).

Como elucida Juliano (1999), a psicoterapeuta tem sempre a incumbência ir até o outro sem que se perca, isto é, estar vigilante também com o que se passa com ele.

Para Ginger e Ginger (1995) o papel do terapeuta é permitir e facilitar, não compreender ou fazer; não se antecipar nem interromper o cliente, mas acompanhá-lo, conservando a sua própria alteridade.

Para exemplificar o conceito de alteridade dentro da relação dialógica, temos Juliano (1999), que acredita que cada indivíduo encontra um caminho para resolver a suas próprias questões, fazer o seu enfrentamento diante da vida, mesmo que sejam escolhas sinuosas e que, nem sempre, o terapeuta estará de acordo com estas escolhas, mas é preciso respeitar a vereda que o organismo encontrou para sobreviver.

Fazendo referência ao parágrafo acima e retomando o conceito de autorregulação, já explicado neste trabalho, o cliente enquanto organismo, faz seu ajustamento criativo de acordo com os recursos que tem disponíveis no momento, afim da manutenção da vida. Muitos deles, chegam a terapia inconformados e em processo de não aceitação das escolhas feitas num passado ou mesmo no presente e nesta circunstância o terapeuta orientado pela postura dialógica tem, como dever, acolher e confirmar todas estas escolhas, trabalhando com o cliente a integração dessas partes fragmentadas e auxiliando no processo de conscientização de que ele fez, o que no momento era possível pra ele.

O terapeuta e seu cliente são dois ‘parceiros<sup>2</sup>’ envolvidos numa relação dual autêntica, mesmo que seus estatutos e seus papéis sejam diferentes: este é um dos pontos que caracterizam a Gestalt-terapia” (GINGER;GINGER, 1995, p. 145).

---

<sup>2</sup> Um “parceiro”: pessoa com quem estamos associados, com quem conversamos ou quem estabelecemos uma relação. - GINGER, S; GINGER, A. Gestalt: uma terapia de contato. São Paulo, SP: Summus, 1995.

O aspecto acima destacado pelos autores fica evidente na prática clínica, na qual ainda que com papéis bem delineados e evidentemente distintos, onde cada um assume parte da responsabilidade sobre o processo, o terapeuta atuará sempre como “acompanhante do cliente, seguindo o fluxo de energia, a direção, a velocidade, as paradas para descanso ou as passadas mais aceleradas; trabalha-se sempre com base no tempo e na direção do cliente.

#### 4 O AMOR E SUAS FORMAS DE MANIFESTAÇÕES

“O amor é uma força que produz amor”.

Erich Fromm

“É o amor uma arte? Se o é, exige conhecimento e esforço. Ou será o amor uma sensação agradável, que se experimente por acaso, algo em que se ‘cai’ quando se tem sorte?” (FROMM, 1956, p. 19).

De acordo com o Dicionário Aurélio (online), o amor é um sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição, atração ou afinidade. Ou sentimento intenso de atração entre duas pessoas. Ou ainda a disposição dos afetos para querer ou fazer o bem a algo ou alguém; entre outras definições.

Entre tantas definições de Fromm (1956), tem-se o amor como a união sob a condição de preservar a própria integridade, sendo ele, uma força ativa no homem que o distingue de seu semelhante, mas o uni aos outros indivíduos, assim, o amor favorece a contradição de que dois seres sejam um e, todavia, permaneçam dois.

Cardella (1994, p. 16) configura o amor como “um estado e um modo de ser caracterizados pela integração e diferenciação de um indivíduo, que lhe permite ver, aceitar e encontrar o outro como único, singular e semelhante na condição de humano”.

O amor possibilita ao indivíduo entrar em contato com a doçura, anseios, desejos e com a profundidade de nosso bem-querer, sendo a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana. Ele é ainda a atitude de deixar que o outro seja – é prazer e encanto pela sua existência, é não manipulação, é não exigente (ZINKER, 2007; FROMM, 1956).

O amor é instintivamente incondicional, possibilitando assim, amar o diferente em detrimento de somente o semelhante, apreciando também as qualidades e potencialidades do outro, bem como aceitando suas limitações enquanto um ser humano em aprendizado e crescimento tão quanto eu (CARDELLA, 1994).

Fromm (1956) acredita que no amor faz-se vital alguns aspectos básicos presentes em todas as formas de amor, como cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Cuidado, pois amor é preocupação ativa pela vida e crescimento daquilo que amamos; responsabilidade, já que é a resposta que damos às necessidades, expressas ou não, de outro indivíduo – a pessoa que ama, responde; respeito, denotando capacidade de ver e ter conhecimento de uma pessoa tal qual ela é, com sua individualidade e singularidade; e, por

fim, conhecimento, posto que só é possível exercer todos aspectos acima, conhecendo, de fato, o sujeito.

Para Cardella (1994), o estado de amor num sujeito, infere capacidade de autossatisfação de aspectos emocionais como confirmação, proteção, aceitação e valorização, minimizando assim, as necessidades em relação aos outros. O sujeito amoroso é dotado de uma relevante capacidade de confiar no outro e crer em suas potencialidades, facilitando o crescimento e desenvolvimento deste outro ser.

O amor é uma ação, prática de um poder humano adotado na liberdade. O amor é uma atividade que eleva o sujeito e não que o rebaixa. O amor em seu caráter ativo é, previamente, dar, em detrimento do receber; no ato de “dar” de si mesmo, também se leva algo do outro, também se recebe em medida o que se deu ao sujeito. (FROMM, 1956).

Assim, para Fromm (1956, p. 48):

Não é só no amor que dar significa receber. O mestre é ensinado por seus alunos, o ator é estimulado por sua audiência, o terapeuta é curado por seu cliente – contato que não se tratam uns aos outros como objetos, mas se relacionem uns com os outros de forma genuína.

O amor é um bem-querer à vida e aos outros seres e é ele que determina a maneira como o indivíduo se relacionará com a vida em geral. Ele não é uma relação específica nem tampouco direcionado à um objeto de amor, mas uma atitude que determina a relação do sujeito para com o seu mundo (CARDELLA, 1994; FROMM, 1956).

Por fim, Fromm (1956) acredita que o sujeito precisa se conhecer e ao outro, de fato, para que possa ver a realidade tal qual é, desmistificando ilusões, irracionalidades e fantasias a respeito do outro, pois somente se conhece um ser humano em sua essência última, através do ato de amor.

O amor, para muito além de um sentimento que se sente, mas que não se explica, ainda que haja inúmeras tentativas de definições, é principalmente Ação. O ato de se colocar de forma amorosa no mundo reflete desde a reação humana para com a natureza, um inseto, o mar, o sol e etc. até as próprias relações humanas entre os indivíduos e como elas se estabelecerão. Portanto, deve-se considerar o amor não só como sentimento, mas principalmente o amor enquanto atitude, enquanto ação.

#### 4.1 FORMAS DE MANIFESTAÇÕES DO AMOR

Diante dos argumentos e da crença de que o amor manifesta-se como uma atitude diante da vida, do mundo e da humanidade, há ainda os diferentes tipos de manifestação do amor que dependerão da espécie do objeto amado, da intimidade, do envolvimento, bem como da reciprocidade da relação (CARDELLA 1994).

Cardella (1994) observa, de modo geral, que a carência de amor é inversamente proporcional ao comprometimento das relações do indivíduo, ou seja, quanto menos amor e aceitação o sujeito vivenciar em sua existência, mais isolamento, desconfiança e descrença estarão presentes, interferindo na qualidade de suas relações.

Outra situação comum são indivíduos que carregam diversas situações inacabadas no âmbito afetivo e amoroso que acabam por estabelecer padrões cristalizados, e bloqueiam o seu fluxo de crescimento e impossibilita a vivência de novas relações (CARDELLA, 1994).

Fromm (1956) postula o único meio de conhecimento e entrega ao encontro está no ato de amor, ato que transcende o pensamento e as palavras, pois mergulha na experiência da união, independente da forma ou manifestação de amor

O amor por si mesmo envolve a confirmação de sua existência e a aceitação incondicional do próprio ser, reconhecendo-se como um ser humano único, capaz de ver-se, ouvir-se, compreender-se e respeitar-se em suas limitações e potencialidades (CARDELLA, 1994).

A atitude de amor para consigo é encontrada somente naqueles capazes de amar também os outros ao tempo que, só se ama o outro, se amares a si mesmo e esta capacidade de amar é o que afirmar a própria vida, felicidade e crescimento (FROMM, 1956).

Sobre o amor por si mesmo, Cardella (1994) fala ainda que o amor e a confirmação incondicionais recebidos na infância são condições substanciais para o desenvolvimento do amor por si no decorrer da vida e que, amar a si é a premissa para estabelecer quaisquer relações amorosas.

Para Fromm (1956) a mais fundamental espécie de amor, que alicerça todos os outros tipos de amor é o amor fraterno, pois ele desperta sentimentos de responsabilidade, cuidado, respeito por qualquer ser humano e o desejo de contribuir para o seu aprimoramento.

O amor fraterno é o alicerce das formas de amor e proporciona sentimentos de união, solidariedade e cumplicidade humana, pois ele caracteriza-se pelo amor à humanidade independente de qualquer aspecto do outro ser (CARDELLA, 1994).

O amor fraterno é o amor entre iguais, mas mesmo iguais na condição de humano, não semelhantes e, estas diferenças em relação a qualquer particularidade do indivíduo, tornam-se pequenas defrontadas à identidade da essência humana (FROMM, 1956).

O amor materno possui um aspecto distinto das outras formas de amor, já que ele envolve, a priori, uma relação de desigualdade, onde um dá e o outro necessita receber. Ele se fundamenta no respeito e na permissão para que o outro cresça e se desenvolva e envolve renúncias por parte dos progenitores e oferta de possibilidades para que o filho absorva a própria singularidade (CARDELLA, 1994).

Fromm (1956) coloca o amor materno segundo o aspecto da atitude amorosa que a mãe verterá sob o filho, podendo dar-lhe um sentido de gratidão por estar na terra, por viver.

O amor materno é, para a criança, o primeiro lugar de aprendizado sobre o amor, sendo a partir desta experiência e relação que ela desenvolverá suas atitudes, sentimentos e crença na capacidade de amar e ser amada (CARDELLA, 1994).

Fromm (1956) trata do amor erótico como um anseio de fusão completa, de união com outra pessoa. É, por natureza, exclusiva e não universal e talvez, a mais engenhosa forma de amor que existe. Há uma condição na forma de amor erótico: que o indivíduo ame a essência de seu ser e experimente a outra pessoa na essência de seu ser, pois em essência, todos são idênticos, são todos partes de Um, são todos Um.

O amor erótico é a busca de união com outro ser humano, envolvendo a união sexual como forma de expressão máxima, concretização da fusão de dois seres integrados, maduros e independentes e o profundo compartilhar da própria vida, caracterizados pela reciprocidade, cumplicidade e intimidade (CARDELLA, 1994).

O amor romântico ou paixão é definido por Cardella (1994, p. 33), como “um fenômeno psicológico de curta duração, que envolve crenças, atitudes, ideias e expectativas em relação ao parceiro”. Para ela, este amor é, em geral, considerado pelo povo ocidental como a única forma de amor capaz de relacionamentos verdadeiros, e este fenômeno é, frequentemente confundido com o amor erótico, este sim genuíno, portanto o amor romântico ou paixão não cria nem gera laços profundos e genuínos, pois não é direcionado ao outro, mas sim aos próprios ideais, sonhos e fantasias.

Outra manifestação de amor é o amor a Deus, definida como a forma religiosa de amor. A essência de amor a Deus de um homem, corresponde a essência de seu amor no ser humano (FROMM, 1956).

Cardella (1994) define o amor a Deus como a experiência de unicidade e integração com a fonte primária do todo, proporcionando sentimento de pertencimento à ordem cósmica

e um modo de ser amoroso, fraterno e integrado no mundo e com o mundo. Além disso, a autora entende que o amor a Deus é uma das manifestações mais profundas do amor humano e por isto este fenômeno deve ser compreendido em relação ao todo do cliente, a partir de uma atitude fenomenológica.

#### 4.2 ATITUDE AMOROSA DO TERAPEUTA

“O amor é ‘terapêutico’ por natureza. Um indivíduo em estado de amor favorece o crescimento das pessoas com as quais se relaciona.”

Beatriz Helena Cardella.

O amor pelo cliente é altruísta, fugindo da noção de amor romântico, sentimental, possessivo e comparando-se com um sentimento de boa vontade para com a humanidade – buscar o bem do cliente com cuidado, prudência, justiça, benevolência e bondade (ZINKER, 2007).

De acordo com Cardella (1994), a relação terapêutica está intimamente ligada a atitude amorosa do terapeuta que necessita possuir a capacidade de amar fraternalmente, uma vez que a priori o cliente é um ser desconhecido sem vínculo afetivo.

O amor terapêutico possui suas características próprias e ele é capaz de ser manifestado em qualquer relação entre profissionais terapeutas-cliente, já que suas atitudes amorosas provavelmente facilitarão o processo de cura e recuperação de seus clientes, visto que a saúde é um estado de integração do indivíduo. O amor altruísta do terapeuta promove a confiança no cliente e é esse amor, que nutre o processo terapêutico entre cliente e terapeuta. (CARDELLA, 1994).

Cardella (1994) reconhece que o trabalho psicoterapêutico é uma prática de amor, pois ele se manifesta através de um estado de ser qualificado pela integração e diferenciação do cliente como um ser único, mas semelhante na sua condição de humano e simultaneamente cria condições para que o cliente possa ouvir, ver, compreender, aceitar e amar a si mesmo.

O amor terapêutico na relação possibilita que o cliente se sinta absolutamente aceito e isto permite que seus sentimentos e conteúdos mais profundos de bem-querer por si mesmo aflorem (ZINKER, 2007).

Conforme acredita Cardella (1994, p. 59) “o amor do terapeuta cria a oportunidade para que o potencial de amor do cliente possa ser ativado por ele mesmo”.

É fundamental que o terapeuta esteja saudável - o máximo possível integrado em suas polaridades e consciente de suas potencialidades – afinado em seu papel de terapeuta e essencialmente em estado de amor, já que é este estado de amor por si, pelo mundo e pelo outro ser, que possibilitará que o cliente se desperte para o amor contido nele.

Amar é diferente de tratar o outro de forma amorosa e está intrínseco nesta forma o respeito e o cuidado, desta maneira é este agir amorosamente com o cliente que tem de estar presente na atitude do terapeuta, pois esta presença faz com que ele funcione como espelho do cliente, escancarando seus aspectos conflitantes e destrutivos, como também suas potencialidades, criatividade e beleza (CARDELLA, 1994; ZINKER, 2007).

De acordo com Juliano (1999), a escuta amorosa e entusiasmada do terapeuta é, por si só, curativa, já que por espelhamento, consegue fazer emergir o interesse da pessoa por si mesma, abrindo seu campo para que afluam características que estavam escondidas ou negadas.

Na tentativa de discutir e melhor caracterizar a atitude amorosa do terapeuta, dentro do contexto de amor terapêutico, Cardella (1994) disserta sobre algumas premissas fundamentais sobre o amor terapêutico, tais como a ausência de necessidades do terapeuta em relação ao cliente, sendo ele um fim em si; autossustentação do terapeuta na relação com o cliente; incondicionalidade do amor aliados a regras e limites claros sobre a relação terapêutica; aceitação, confirmação e validação do cliente na totalidade de seus aspectos.

A confiança no potencial de autorregulação do cliente é uma das mais importantes perspectivas da atitude amorosa do terapeuta, pois antes de tudo ele precisa confiar na humanidade, no bem-estar do homem, na harmonia e no amor, já que a confiança existencial de um ser em outro tem desempenho único no âmbito da cura (CARDELLA, 1994).

Cardella (1994) acredita que a atitude amorosa do terapeuta favorece o contato do cliente com o seu “desamor” próprio, já que mesmo sendo profundamente aceito, valorizado respeitado e amado pelo terapeuta na relação e processo terapêutico, ainda assim ele rejeita, desvaloriza, desrespeita e deixa de amar a si mesmo.

A atitude amorosa do terapeuta é caracterizada por alguns aspectos que facilitam o desenvolvimento do potencial amoroso do cliente, como aceitação incondicional, confirmação, empatia, disponibilidade, espontaneidade, congruência, autenticidade, responsabilidade, confiança existencial, presentificação, criatividade, autossuporte e independência (CARDELLA, 1994).



A atitude amorosa do terapeuta também envolve a sua capacidade de se preservar, proteger, reconhecer e respeitar a si mesmo, mesmo que em algumas situações, esteja menos disponível ao cliente, ressaltando que isso deve acontecer dentro de certos limites e critérios para estar *aware*<sup>3</sup> de sua condição, pois amor também é responsabilidade para com o outro (CARDELLA, 1994).

O amor do cliente ao terapeuta difere de acordo com o seu desenvolvimento no processo psicoterapêutico – desde a projeção de suas questões e pessoas, até a valorização e amor com os mesmos aspectos nos parágrafos acima citados (ZINKER, 2007).

O sentimento de amor pelo terapeuta proporciona ao cliente uma confiança no fluxo natural de seus relacionamentos e torna assimilável e consciente o próprio amor (POSTER; POSTER, 2001).

O amor e a postura terapêutica pautada na relação dialógica permite que o terapeuta renuncie de todo e qualquer conhecimento, técnica ou experiência precedente e esteja vazio, acompanhado apenas de sua humanidade, que encontra com a humanidade do cliente e que daí emerge um terceiro outro e, naquele exato momento, acontece o Encontro (JULIANO, 1999).

---

<sup>3</sup> *Aware (Awareness)*: forma de experienciar; é o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético. Um *continuum* e sem interrupção de awareness leva a um Ah!, a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos díspares no campo. A *awareness* é sempre acompanhada de formação de gestalt. Totalidades significativas novas são criadas por contato de *aware*. A *awareness* é, em si, a integração de um problema. YONTEF, G.M. Processo, Diálogo e Awareness. p. 215, São Paulo, SP: Summus, 1993.

## 5 CONCLUSÃO

Podemos dizer que a relação terapêutica pautada na qualidade da presença do terapeuta, no cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento para com o cliente é, por si só, curativa e, a confiança promovida no cliente com base no amor altruísta do terapeuta, além de proporcionar o contato verdadeiro entre eles, também nutre o processo terapêutico e facilita o desenvolvimento do potencial amoroso do cliente.

Sendo a atitude amorosa uma orientação de postura, o psicoterapeuta tem, antes de tudo, a imprescindibilidade de caminhar nesta direção para que, no contexto terapêutico ele possa potencializar sua capacidade humanitária e amorosa para que o encontro aconteça com seu cliente, em virtude de ser o estado amoroso do terapeuta que possibilita a formação do vínculo com o cliente que, frequentemente chega a psicoterapia impossibilitado de estar amoroso no mundo.

Entendo que o objetivo deste trabalho foi cumprido, visto que ele proporcionou profundas reflexões acerca da atitude amorosa em Gestalt-terapia, podendo revisitar inúmeros autores com opiniões ora concordantes, ora completamente díspares, mas todas semelhantes em um aspecto: o Amor.

Visto que o objetivo do presente trabalho era também a reflexão na tentativa de responder diversas questões que jorravam em minha mente no início deste trabalho, acredito ter trespasado todas as nuances que as envolvem, como a definição da atitude amorosa, as particularidades e aspectos que caracterizam esta atitude, o agir dentro de uma atitude amorosa, entre outras.

A pesquisa foi relevante, pois trouxe uma reflexão profunda acerca das particularidades e aspectos necessários para o terapeuta, que caracterizam uma atitude amorosa e, principalmente, sobre o agir terapêutico que necessita estar afinado e em real sintonia com a abordagem dialógica e os preceitos que a caracterizam. Além disso, a temática deste trabalho colabora com todos os estudantes, profissionais e principalmente os recém-formados, que estão em fase de adaptação e ajustamento entre teoria, método e seu instrumento de trabalho – si mesmo.

O que pude agregar à minha experiência nesta caminhada foi a noção de que é intrínseco da existência humana a característica relacional tanto para sobrevivência quanto para o crescimento, aprendizado e desenvolvimento das potencialidades humanas e que é neste ponto da relação entre pessoas que se sustenta qualquer técnica.

A partir de minha experiência clínica e da jornada percorrida no decorrer deste estudo, posso afirmar a minha crença de que qualquer Ser é potencialmente um Ser amoroso em sua essência e, além disso, o amor, em minha concepção, é um aspecto que fomenta qualquer alma humana.

Acredito que é possível, conceber o amor como meio e fim: todos buscamos amor, seja ele qualquer tipo de amor, almejamos encontrá-lo no fim da jornada, assim como os célebres caçadores de tesouro devaneiam em encontrar o tesouro perdido, entretanto para que este encontro possa acontecer, é necessário que reconheçamos a capacidade amorosa contida em cada um de nós, é vital que tenhamos consciência do nível de amor que disponibilizamos a nós mesmos e ao outros, através de atitudes amorosas para consigo e para com o mundo, porquanto somente chegaremos no amor, se pelo caminho, tivermos doado amor, experimentado amor, reconhecido o amor.

De modo algum, o trabalho está fechado, pois podemos pensar neste estudo como uma porta que fora aberta para possibilitar uma reflexão mais profunda acerca da atitude amorosa na relação terapêutica e no amor como parte integrante de qualquer forma de relação, principalmente nos dias e nas sociedades atuais, nas quais estão cada dia mais alienadas de seu próprio ser, suas necessidades e do contato real com o mundo.

Pode-se pensar neste estudo como um trabalho que deixará espaço aberto para continuidade de discussões, reflexões e estudos futuros, visto que o assunto é de total relevância para a Gestalt-terapia e inesgotável em seu tema e profundidade.

Assim, acredita-se que pela relevância dos dados levantados sobre a relação terapêutica e a atitude amorosa do terapeuta, sendo elas a chave mestra para que o processo de psicoterapia funcione, faz-se necessário a continuidade destas reflexões e observações fenomenológicas diárias no contexto terapêutico para que cada vez mais a Gestalt-terapia possa caminhar em direção à contemporaneidade das relações.

## REFERÊNCIAS

BUBER, M. *Ten rungs: Hasidic sayings*. Nova York: Schocken Books, 1962.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo, 2001.

CARDELLA, B.H.P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1994.

CUMMINGS, E.E. **I six nonlectures**. Nova York: Antheneum, 1971

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa Online**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/amor>. Acesso em: 12/09/2016.

FROMM, E. **A arte de amar. Belo Horizonte: Itatiaia**, 1956.

GINGER, S; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia de contato**. São Paulo, SP: Summus, 1995.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e Cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

JOHNSON, R.A. *We: a chave da Psicologia do Amor Romântico*. São Paulo: Mercuryo, 1987.

JULIANO, J.C. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. 2. ed. São Paulo, SP: Summus, 1999.

LEWIN, K. **Teoria de Campo em Ciência Social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, P.V.A. **Psicoterapia e mudança: uma reflexão**. 2005. 152f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023968.pdf>> . acesso em 11 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia**. Rev. Abordagem Gestalt. Goiânia, v. 14, n. 1, p. 3-8, jun. 2008.

Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672008000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 set. 2016.

PERLS, F. **Ego, fome e agressão**. Nova York: Vintage books, 1947.

\_\_\_\_\_. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

\_\_\_\_\_. **A abordagem Gestáltica e Testemunha ocular da terapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012).

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. 3.ed. São Paulo: Summus 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J.P. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2007.

SMUTS, J. C. **Holismo e Evolução**. Nova York: The Gestalt Journal Press, 1926.

TELLEGEN, T.A. **Gestalt e Grupos**: uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.

WALLEN, R. Gestalt psychology and Gestalt therapy. Trabalho apresentado frente ao Ohio Psychological Association Symposium. Palo Alto, 1970.

YONTEF, G.M. **Processo, Diálogo e Awareness**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **A Busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem Gestáltica com casais, família e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2007.